

O MERCADOR.

FOLHA COMMERCIAL E NOTICIOSA.

Publica-se aos domingos na typographia de J. J. Lopes, — rua da Trindade n. 1. — onde se subcreve a mil reis por serig de doze numeros, pagos à vista; folha avulsa 120 reis.

1.ª Serie.

Mesterro. — Domingo 25 de Agosto de 1861.

N. 1.

AO PÚBLICO.

Perdoar as injurias e sofrer com a ciencia as fraquezas do proximo, é recomendado da nossa Santa Madre Igreja Catholica, nas obras de Misericordia, as quais o verdadeiro christão deve humilde mente observar, para vivér na graça do Senhor, e em paz de espirito entre os seus semelhantes, e para poder salvar-se das penas do in ruo, quando for chamado à prença do Deus verdadeiro. Mas essas recomendações, ou preceitos, para que sejam cumpridas, convém re todos os cristãos; não sendo assim, é impossível a sua obser vancia. Então forçoso é cumprir o preceito não menos recomendado — castigar os que erram —.

Todavia a prudencia, e apacien cia, virtudes estas que ornão as almas bem formadas, quando excedem a medida, ou o limite traçado nas condições sociais, degeneram em fraqueza e cobardia, qualidades estas que tirão ao ente humano que as possue, todo o merecimento para com os seus iguaes, e o reduz ao es tado de aviltamento, e de desrespeito.

O homem sensato, amigo do seu ocęgo, e apreciador da boa moral, deve relevar um ou outro procedimento irregular d'aquelle que por seu genio atrabilario, não põem manteir se na orbita de seus de veres sociais, mas aquelle que insultao e injurião a quem querem, em nenhuma reserva, e nenhum respeito ao publico que observa os seus escandalosos procedimentos: que considerao, e classificao a pru dencia desse homem, de fraqueza, estao tão cheios de si mesmos, que presumem-se invenciveis, temidos de todos, e ainda mais, — que em sér os unicos habilitados para

tudo dirigir por seus talentos e por sua força — e nesta fatua persuasão, pretendem ser obedecidos, e receberem da sociedade certa especie de culto, para cuja realização não conhecem diques que obstein a sua torrencia; a estes convém oppor forço bastante, para fazel-os con ter, e convencerem-se que os seus desatinos não podem, e nem devem ser illimitados, e permanen tes.

Eis vista destas considerações, cuja veraeidade ninguem contestará, uma sociedade composta de pessoas honestas, resolveo procurar por todos os meios possíveis e li geros, oppor a audacia desses homens, que não cessão de, por meio de seus escriptos, dirigir todos os dias insultos e injurias os mais indecorosos á cidadão honestos que sempre gozaram e gozão de bom conceito não só no lugar onde habitam como fora delle, uma vez que estes não se curvem ás suas loucas pretenções. Para repellir e castigar a audacia de taes individuos, e que acordou a sociedade em fundar o actual Mercador, que circulatá todos os Domingos.

commercio tão abalado, por toda a parte a desconfiança e a duvida; os baratilhos, os leilões, as rifas, e haver quem se atreva a ser mercador, arriscar fundos, e comprometer a sua fortuna! e finalmen te outros — os que temem a concurrencia — Vem p'ra cá, meu es perito, que mui breve te veremos á paz de pirols: «nós cá, jubilados em toda costa de velhacaria, e com um grande sequito de impavidos espertalhões, dá-nos agoa pela barba, e tu sem mentir, e sem enganar, é que pretendas fazer fortuna! Coitadinho! »

Pois m'ens amico, os vos en gane, uns experientia do negocio, e issaz conhecemos a terra, e tal é o credito de que g'zimos, que apezar de termos deixado de commerciar desde que foi encalhado o bom e valeiro chaveco, de toda a parte nos tem chovido mercadorias, de modo que temos os armazéns repletos e regorgitando; e por mais que tenhamos querido recambiar os generos, não nolos querem aceitar, e então para que continuemos, prometem-nos novas remessas de mais preciosas mercadorias.

Não ha volta, aceitarnos, eis nos no nosso posto.

Temos solícitos, zelosos e honrados caixeiros. Cá não se ha de viciar pesos, não se roubará nas medidas, não se alterarão preços e nem se abusará da boa fé dos fruguezes. Os nossos generos são todos de primeira mão, e de excellente qualidade, e vendelos-emos esfor dados depois de minuciosa conferencia dos objectos, do mesmo modo que nos vem das fabricas; por que os nossos consumidores nunca nos enganaram, e nelles continuamos a depositar toda a confiança. Todos elles nos procuraram pulando de contentes, logo que sou-

O MERCADOR.

Ao ouvir o annuncio do nosso aparecimento proximo, infutes conjecturas haviao de fazer os homens MERCANTIS sobre a sorte que aguarda a nossa empreza, em uma época tão calamitosa, em que as quebras se sucedem com rapidez espan tosa.

Diziao uns: que esperteza! Mercador com fundos alheios o que quer?... quebra, e pôr conseguinte a ruina dos papalvos que delle se fiam. Outros: que loucura! O

beram da nossa resolução; porque dizem elles, que os seus productos ficarião inutilizados se os não pusessem à venda, pois, sendo objectos de gosto e da moda, passada ella, ficarião perdidos; e seria pena; porque são tão lindas as a nostras (como logo vereis) que privar o público de tais maravilhas, seria egoísmo e maldade nunca vistos.

Exalte pois toda a gente mercantil, que a boa estrela é queimada nos ha de iluminar e guiar, e com tal farol haveremos de chegar à salvamento do ponto do nosso destino.

Falla do Mercador aos caixeiros

Meus amiguinhos! Ao momento em que abrimos as — portas — ao público pra expora consumo nossas mercadorias, devemos observar religiosamente os preceitos prescriptos pelas leis respectivas, e usos mais accommodados às regras da boa moral; entrando, pois, na vida comercial, em que o homem adquire fortuna, si é feliz, crédito, e reputação se procede bem; passo a recomendar-vos o seguinte:

1.º Use de bontade para tratar os seus clientes, e preste-lhe sempre um bom serviço.

2.º Comércio é a única honra das classes.

2.º Pontualidade em aviar as encomendas, e despachar os freguezes.

3.º Actividade, quanta for possível no enfardamento e remessa dos volumes aos seus donos.

4.º Finalmente. Tratar com cortezia e brandura á todas as pessoas indistintamente, uma vez que se comportem com dignidade.

E, pois, quanto basta para manter no melhor pé nossas relações comerciais, e grangear a estimação publico sensato. Agora mãos à obra.

Exame da correspondência mercantil que acompanha os volumes.

QUEM NÃO SOUBER QUER ADEVINHAR

Oh! a epygraphe é de arromba! ... Vejamos o conteúdo.

— Ha tempos á um lavrador do Ribeirão fugiu um escravo. Sabendo o lugar onde se acotára, veio o Senhor procurar uma autoridade desta capital para que o mandasse capturar; e esta que não só era

licita no cumprimento de seus deveres, como também esforçava-se por livrar as partes de incomodos, propôz a compra do escravo, fazendo ver ao senhor as despezas que essa diligencia pedia fazer, e as consequencias que podia ter se fosse frustrado. O que havia de fazer o pobre matuto? ... esteve por tudo — vendeu o seu escravo por um conto e quinhentos mil reis, recebendo qualquer coisa à vista, e pelo resto aceitou um crédito à vencer-se em dois pagamentos.

O escravo foi imediatamente mandado para a Laguna com ordem de ser vendido; mas elle entendeu que era melhor deixar-se morrer antes de passar á 3^a, Sr. e efectivamente morreu.

Venceu-se o primeiro pagamento e o credor veio fazer a cobrança, mas a quem lhe ha de responder o honrado comprador? ... Ninguem a devinha. Pois eu lhe digo: « Sr. Fulano, eu não devo pagar toda essa quantia; o escravo morreu, e v. m. ha de perder metade, e em outra metade; e por isso já cá nos meus livros puz em haver trezentos mil reis que se devem descontar no escravo pagando-me a metade.

Na proxima festa, ouviu-se, apesar de repetidas instâncias por si, e por intermedio de amigos, até hoje não recebeu um real que fosse.....

Oh! que importante fardo acompanha á esta carta, que rica fazenda contente é moderníssima, e do melhor gosto.

Ponha-lhe marca D.S., e remetta á rua A.

MEU CARO SR. MERCADOR!

E' provável que, a pesar da habilidade com que v. m. sabe haver-se em seus negócios e da boa fama que gosa, não tenha ainda arranjado todo o pessoal de que carece um estabelecimento de tal ordem; e eu tenha uma pessoa por quem se empenha alguns amigos, que muito lhe convirá para caixeiro de balcão, por ser dotado de pouca vergonha, estar habituado a ouvir chufas e desafóros dos freguezes, e até levar seu soco, murro, e pontapé sem levantar mão para ninguém.

E' homem desempedido, e sem família, só que o que quer é seja ca-

sado, á muito, correu com a mulher a pontapés pela porta fora, e só na passagem do Bispo é que esta lhe pôz os pés em casa para beijar o anel, e fazer companhia as amigas que lá fôrão fazer as horas da casa.

Se lhe convier annuncie.

Elle não exige grande salario; e como é muito vaidoso e com fumaças de sabio, para o trazer contente, basta repetir-lhe a todo o instante — que elle é homem de saber. Com isto tem-o pelo beijo.

Bate-moleque.

Que tal é o iratante! Não o quero nem mesmo de graça; elle que vá ser enfermeiro da caridade; só lá poderá arranjar-se com vantagem, e passar vida folgada é milagrosa.

Ponha de parte esta carta de recomendação para ser oportunamente respondida.

SR MERCADOR! — Abi-lhe envio uma das raridades proprias para Muzeu, julgo que terá grande demanda; é um lindissimo gambá, que, em uma das noites passadas

está beludo caro, e bichinho a mais curioso e a mais raro que se pode imaginar, e que visto, é tão lindo com a sua estrela na testa!

Se v. m. se agradar do bichinho — dê lhe o destino que lhe aprover, certo de que, se ouvir a minuciosa exposição de suas optimas qualidades mordes, não duvidará dar pataca e meia, e se o quizer com toda a familia, que faz o seu publico, entao lhe custará duas patacas. Não é de engelhar; pois que com uma bagatella se tem coisas tão raras.

Antropophago.

Bem, enfarde-se o gambá para ser remetido ao Muzeu de Roma.

A'º Compadre João Fernandes.

— Esta carta, amiguinhos, é esfarrada! ja vejo que o fardo é volumoso e ha de conter objectos de súbito gosto. Vejamos o que diz o correspondente.

— Agora que nos achamos livres das lutas eleitoras, compadre João Fernandes, em que se quebraram tantas lanças, mal forjadas, e foram queimadas tantas escorvas de pol-

vora grossa, sem nenhum provi-
to das falanges à que pertenceis, a-
gora que trago este meu coração
nascendo em jubilo por ver coroa-
dos de ricos louros os esforços
que os — Progressistas — empre-
garam para dotar a província com
Representantes da Nação dignos del-
la, aproveito a oportunidade do
nosso — Mercador — para por seu
intermédio expôr ao consumo os
productos do meu engenho.

Sim, meu caro compadre João
Fernandes, a tranquillidade, o dul-
ce far niente, que estou usufruindo
de tantas fadigas, dão-me agora lu-
gar a retribuir-lhe a tantos e tão
variados obsequios com que V. se
tem dignado mimosear-me. Com
efeito, meu caro compadre, de V.
ninguem esperava outra cousa, fa-
zenda tão fina só da fabrica de um
João Fernandes, poderia sahir! Bem
dizia o phylosopho babiano — Cada
um dá o que tem — Os charcos dão
sapos, rãs, &c., as esterqeiras dão
insectos venenosos, reptis &c., e o
meu compadre o que dá?... ja
se sabe, essas riquisimas produc-
ções que todos os Fatuscas de bom
gosto tem apreciado. Bem longe

que abandonei as suas pa-
ses, 2.º por ser eu matuto, e nada
entender da gramática, orthogra-
phia, rhetorica, philosophia e toda
a bicharia que enche a cachola de
alguns academicos, como, felizimen-
te sucede ao meu elegante e bem-
apessoado compadre, e à algum je-
suita de casaca, com privilegios de
TUBARÃO, e 3.º finalmente por que
detesto a importura, a mentira, em
sim a hypocrisia, ridículo da venera-
ção de todos os homens que não
tem vergonha.

Parece-me que o compadre João
Fernandes e o seu amigo jesuita
franzem o nariz, e fazem caran-
nhas, dando signos de inquietação
ao ouvirem estas verdades?...
Tenham paciencia, não se inquietem,
porque é manha do açougue;
— quem mal diz, peior ouve — quan-
to mais que eu estou tratando ao
meu amado compadre João Fer-
nandes com toda a submissão. Ou-
çam o resto que é o melhor.

Não conheço, compadre, ente-
rro abjecto por seus feitos escan-
dalosos, por suas asquerosas mae-
las do que o vosso amigo predilec-
to Xico, por antonomazia — gam-
bá —; foi por isso, que vose os vos-

sos consocios o escolherão para
instrumento de suas paixões e odios
rancorosos contra os seus próprios
patrícios, e amigos de outrora, que
tanto se comprometterão para vos
exaltar. Lamento, compadre do
cu...ra...çao, que o vosso genio em-
diabolido vos induzisse a ter um
procedimento que tanto vos des-
conceitua na opinião do público
sensato: só a rale vos applaudé por
momento.

Um almoçreve com duas parelhas.

— Oh Ial amigo! já vejo que-
quer mercadejar os seus bichinhos.
Faz bem, porque também entra na
classe de mercadoria. Em tudo se
ganha os com quibus para comprar
os miloes, dizia o bom do avô torto
do meu vizinho que era lá do ou-
tro mundo; bem entendido, do
mundo velho, não pense que falso
do mundo, que para lá se chegar,
passa-se na barca de Charent. Faz
esta explicação para não haver equi-
vos.

Vamos lá, Sr. das parelhas, que
habilidades tem os seus bichinhos
de orelhas em pé?

— Ah! Sr. Mercador, se Vouncé su-
besse as habilidades destas alimari-
as dava por elas toda a sua fortu-
na, por que elles sabem aquillo que
esqueceu ao cap linhoso: — se
eu lhe disser que só lhes falta sa-
berei filiar lingot de gente, vo-
uncé não acreditaria. Vou dizer em
primeiro lugar — seus nomes. — A-
quelle turdílha chama-se — Polida, — a pangaré chama-se — Vidoca, a malacara (oh que feia não he!
ha bem poucas deste pello) Narsa-
cre, e a osca chama-se Faz artes. A-
gora direi os seus grandes prestímos.

— A Polida serve para um tudo que
se queira, respeito a velhacaria; é de
celha e pucha bem qualquer car-
roça, o ponto é que esteja bem
provida de coisas de valor; é capaz
de ensinar o que sabe a qualquer
que se acolherá com ella.

A Vidoca é matreira como pou-
cas; está como vounçé vê gor-
ducha e barriguda com o que tem
podido pilhar nas roças alheias de
modo que se faz herdeira das plan-
tações alheias; a Narsacre está um
tanto magreirona, mas isto é por
ser de má mantensa; podia estar
também barriguda por que tem as
mesmas habilidades da Vidoca;

ambas são proprias para carguei-
ras. A Faz artes, está então, meu ca-
ro amigo; tanto tem de delgada, e
um tanto velha, como tem de arteira
e cestrosa; é larga-a, e vera
como ella fura os cercados para se
encher da plantaçao alheia; nem à
pão largará a manha ainda, bem na
atafona, e também pucha qualquer
carroça; mas é preciso muito cui-
dado com elle; é mazinha, dá cou-
ces, manutagos e a sua dentada,
quando a apertao:

— Quanto quer você por elles?...

— Lá sobre o preço, não havera
duvidas; qualquer dinheiro me faz
conta, porque ugora estou desem-
pregado, a roça já não rende e eu
necessito de cobre — Se Vouncé quer
ficar; com outras que tenho, lh'as
trarei lá para a semana; são quasi
semelhantes.

— Está dito; traga ao outras e
então pagarei tudo por junto.

Dice, e foi-se — o Almoçreve.

..... Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus ut
teneat se?

Quem, tendo a tempestade forte
Pode mudar — vento; e soljequo
Tantos tristes, bandalheiras tantas?

Hoje cem vezes à banca
Em que escrevo m'assento;
Outras lantas ferrea pena
Em-negra tinta moldei.

Dei mil voltas ao papel
Amarrotei-o, moi-o;
E desta pobre cachola
Nada que preste, sabio.

Passei, cansei, dormi,
Bati na testa, fumei;
Mas qual! da musa rebelde
Nem se quer prosa alegriei.

Li todos os Merenzinis,
Escola da bandalheira;
Não m'escapou a Estrella,
Onde se diz muita asneira,

Mas nesse doux papeluchos
Onde só perlidas ha,
Nada encontrei que servisse.
Para dizer ao GAMBA.

Tudo já se lhe tem dito,
E tão certo e verdadeiro;
Que agora só pão e morto
Para aquelle vil sendeiro.

Para quem não tem vergonha,
Nem brio, nem posição,

Não servem descomposturas,
— Só vergalhão e pescocoão —.

Não servem, que não tem bicho,
Esse infame e vil tartufo
Esse triste despresível,
Esse miserável bicho.

Compre-se um bom vergalhão,
E por um negro possante,
Mande-se dar uma cossa
No resfriado tratante.

Ou então daquella cousa,
Que de longe o cheiro diz,
Com meia duzia desdócos.
Fumentem-lhe o nariz.

Talvez assim o medroso
De juize tome um pouco
Porem se continuar,
Deixem-o, QUE ESTÁ LOUCO.

Córrido de toda a parte
Ca ficam com manha e arte.

Ecce homo!

MODINHAS PARA PIANO

A' postos, rapazeatal
Cada um com seu mangua,
Atagá sem compaixão,
Desanca esse GAMBA.

ESTREBILHO

Fóra tratante!
Homem sem moral
Tua presença
Sempre é fatal

Animal feio, nojento,
Ladrão e bebe-cachaça,
Frangumhó que pitba, chucha
Com ardil, manha e trapaza.

Fóra tratante!
Homem sem moral
Tua presença
Sempre é fatal.

Fez só todo santarrão,
Para enganar as beatas
E depois que as chuchou,
Arrumou-lhe as duas patas

Fóra tratante!
Homem sem moral
Tua presença
Sempre é fatal.

Atassalha sem vergonha
A honra, a probidade,
Mas tabelas no fucinbo
Apanha sem piedade.

Fóra tratante!
Homem sem moral;
Tua presença
Sempre é fatal.

Granhindo foge p'ta grula
Com a crespa esfregação
E de lá solta lamentos
Para mover compaixão

Fóra tratante!
Homem sem moral;
Tua presença
Sempre é fatal.

Mas emvão que o povo é surdo
Ao granhido do tal bichinho,
E sempre que o coto alça,
Leva tâpas no fucinbo.

Fóra tratante!
Homem sem moral
Tua presença
Sempre é fatal.

Arrumão-lhe ponta pés,
Cospe-lhe a cara feia,
E só o deixão com asco
— Da scynismo que alardão —.

Fóra tratante!
Homem sem moral
Tua presença
Sempre é fatal.

MAXIMAS.

« Tres couros se não recuperam
de pois deperdiçast vergonha, teste-
dade e virgindade. »

« O caracter da traição é indele-
vel; quem foi traidor uma vez é
traidor por toda a vida. »

« Os maus procurão alcançar por
assalto e violencia os bens que os
bons esperao conseguir pelo tra-
balho, intelligencia, e virtudes. »

« Os charlatães e pedantes não
perdoão o desprezo que merecem. »

« Ha fanfarrões de sciencia como
os ha de valor e nobreza. »

« Observa-se nos grandes falla-
dores boa memoria, pouco saber, e
mais filacula ou proterva. »

« A reputação dos velhacos este-
relisa a profissão. »

« Querendo dar-nos muita im-
portancia perdemos ordinariamen-
te a pouca de que gozavamos. »

Cesse o exame da corresponden-
cia; preparem os fardos e façao se-
guir seus destinos.

Não tardará o signal do — fecha-
fecha —; e eu quero que sejao às
portas fechadas, deixemo-nos de
imitar à esses, que em lugar de ob-
edecerem as disposições da postu-
ra municipal competentemente ap-
rovada, tornão-se rebeldes; dei-
xão uma porta entre-aberta; colo-
cação meias portas e commercio co-
mo se tal prohibição não houvera.
E' um abuso digno de punição. Mas
elles procedem dessa forma porque
a camara não tem um fiscal capaz
de fazer observar as suas posturas.
E' um deleito inaudito: a mesma
camara é a primeira a dar o exem-
plo. Einfim, cada um procede co-
mo pensa, visto ter ampla libe-
rude para o fazer; eu entendo que a
lei não deve ser postergada po-
nós e por isso basta por hoje; volti
a chave. Adeos, amiguinhos, ate
Domingo, se Deos quizer.

ANUNCIOS.

PECHINCHA.

Vende-se um prelo MACANICO mu-
to proprio para os trabalhos de des-
composturas, bandalheiras, ladrões,
marolciras, por baixo preço
visto que o seu proprietario tem
que ser recolhido ao xadrez dos loucos.
A quem convier, declare-o por e-
te jornal.

1:000,000 DE REIS DE GRATIFICAÇÃO.

O artista Espinosa morreu me-
cantilmente enforcado, e depois
terem-lhe resado pela alma sin-
mercantilmente não tinha mor-
do!!!... Quem souber, ou qui-
dizer qual das duas notícias é a ve-
dadeira, receberá a gratificação
ferecida por

Um que foi beato.